



O ENSINO DO USO DA MODALIZAÇÃO PARA ALUNOS DO NÍVEL FUNDAMENTAL II: UMA PRÁTICA POSSÍVEL

Jaqueline Pizzi MELCHIOR (PG – UNIOESTE)¹
jaqueline_pizzi@hotmail.com

Aparecida Feola SELLA (Orientadora - UNIOESTE)²
afsella1@yahoo.com.br

RESUMO: Apresenta-se relato de aplicação teórica sobre o ensino da modalização para alunos do 9º ano do ensino fundamental. promoveu-se a pesquisa em escola pública da zona urbana da cidade de Cascavel, estado do Paraná, no ano de 2014, com o objetivo de sensibilizar os alunos com relação ao uso de modalizadores na orientação de certos sentidos no texto. Partiu-se da hipótese de que os alunos do 9º ano do ensino fundamental não sabem argumentar em situações de produção escrita. Aplicou-se proposta didática com base nos estudos de Koch (2011), Castilho e Castilho (1993) e Neves (1996), autores que serviram para o entendimento de que elementos linguísticos, tais como conjunções, advérbios, adjetivos, etc, servem para a construção da argumentação do texto. Expomos neste artigo metodologia aplicada e análise dos resultados e esperamos contribuir com o processo de ensino do uso da modalização, não apenas como um conteúdo isolado e sim como um fenômeno presente na linguagem humana que deve ser associado à aprendizagem da leitura e escrita.

Palavras-chave: modalização, ensino fundamental, comentário

ABSTRACT: We present theoretical application report on the teaching of modality for 9th graders of elementary school. Research was promoted in public schools in the urban area of the city of Cascavel, Paraná, in 2014, in order to sensitize students regarding the use of modalizers the orientation of certain meanings in the text. Started from the hypothesis that the students of the 9th grade of elementary school do not know argue in written production situations. Applied didactic proposal based on Koch's studies (2011), and Castilho and Castilho (1993) and Neves (1996), authors who served to the understanding that linguistic elements such as conjunctions, adverbs, adjectives, etc., serve to the construction of the text argument. We present in this article applied methodology and analysis of the results and hope to contribute to the process of teaching the use of modality, not just as an isolated content but as a phenomenon present in human language to be associated with the learning of reading and writing.

Keywords: modality, elementary school, review

Introdução

O propósito deste trabalho é apresentar experiência de proposta didática desenvolvida no ano de 2014, em turma de nono ano do ensino fundamental, composta por trinta e três alunos,

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Nível de Mestrado Profissional em Letras – Proletras, Unioeste, professora da rede estadual de ensino em Cascavel, PR.

² Professora do Mestrado e Doutorado Acadêmico e do Mestrado Profissionalizante da Unioeste.

em escola da rede pública estadual, da zona urbana, do município de Cascavel, PR. Trata-se de pesquisa aplicada, em consonância com o disposto no Mestrado Profissional e Letras/Unioeste.

Ao final do ano de 2013, a turma pesquisada encontrava-se em curso do oitavo ano. Em situação de produção escrita, que exigia posicionamento por parte dos alunos, verificamos que não sabiam argumentar. Percebemos que a turma teria apenas mais um ano antes de ingressar no ensino médio, nível escolar que exige constante posicionamento frente às questões colocadas por professores de diferentes disciplinas. Tais constatações contribuíram para o planejamento deste projeto que visou a sensibilizar os alunos com relação ao uso de modalizadores na orientação de certos sentidos no texto.

Estudos de Koch (2011), Castilho e Castilho (1993) e Neves (1996) fundamentaram nosso entendimento sobre uso da modalização na perspectiva linguística de que não há enunciados não-modalizados. O estudo das modalidades em situações reais de interação, proposto pelos autores, convergem com a proposta de propor uso de elementos modalizadores em textos que caracterizam comentários. Como há poucas fontes sobre o gênero comentário, limitamo-nos nas buscas conseguidas e em textos que abordam gêneros que lidam com opiniões.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: discutimos as modalizações linguísticas epistêmica e deôntica. Na sequência, proposta didática aplicada e, por fim, análise do *corpus*, constituído por seis enunciados, selecionados dentre os trinta produzidos pela turma.

1. A modalização linguística: uma constante no cotidiano da leitura

Nesta parte, abordamos resultados das leituras desenvolvidas durante a pesquisa sobre o uso de modalizadores no ensino fundamental, conforme já esclarecido. Conforme Castilho e Castilho

[...] a gramática tradicional considera a sentença estruturada em dois componentes: o proposicional, formado por sujeito+predicado (*dictum*) e o componente modal, que se refere à qualificação do conteúdo da forma da proposição, conforme o julgamento do falante (*modus*). (CASTILHO; CASTILHO, 1993, p.217)

Há duas formas, segundo os autores, de se expressar esse julgamento. Uma está relacionada ao modo de apresentação da oração (modalização), que pode ser numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não-polar) e jussiva (imperativa ou

optativa); a outra (modalidade) em que o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou expressando seu posicionamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo. (CASTILHO; CASTILHO, 1993, p. 217). No enunciado *É certo que o pagamento sairá hoje*, além de expressar certeza com relação à efetivação do pagamento, o locutor utiliza “É certo que” em função também de seu interlocutor, ou porque quer que este acredite nessa informação, ou porque tem outra intenção e, neste caso, o sentido pode ser verificado por meio da enunciação. Barbisan (2007) recupera o sentido de enunciação:

Ducrot (1980) denomina *enunciação* o acontecimento, o fato que constitui o aparecimento de um *enunciado* em determinado momento do tempo e do espaço. É um conceito que tem função puramente semântica, sem nenhuma implicação fisiológica ou psicológica. *O sentido do enunciado é, para mim, uma descrição, uma representação que ele traz de sua enunciação, uma imagem do acontecimento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado* (1980:34). Dizer que um *enunciado* descreve sua *enunciação* é dizer que ele se apresenta como produzido por um *locutor* designado por diferentes marcas de primeira pessoa, para um *alocutário*, designado pela segunda pessoa. A *enunciação* se caracteriza como tendo certos poderes. É isso que leva a ver uma alusão à *enunciação* em enunciados imperativos, interrogativos, assertivos, etc., que induzem o *alocutário* a certas obrigações, e que têm origem no aparecimento do *enunciado*. (BARBISAN, 2006, p.30)

A dicotomia modalidade x modalização é questionada pelos autores ao apontarem que a relação entre os elementos comprometidos com a produção dos enunciados dificilmente será arbitrária: “de qualquer forma há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo que vai veicular, decorrendo suas decisões sobre afirmar, negar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou dúvida sobre este conteúdo, etc.” (CASTILHO; CASTILHO, 1993, p. 201).

Um enunciado como “Beba água.” traz no próprio modo verbal a indicação de uma ordem, independentemente da entonação. Por outro lado, o enunciado “Ela bebe água todos os dias.”, mesmo sendo assertivo, pode carrear certo sentido de ironia ou mesmo reprimenda e poderia ser uma forma implícita de ordem. Ou seja: embora o último enunciado não contenha elementos que indiquem propriamente a modalização, o fato de ele indicar uma afirmação revela certo grau de engajamento do falante. Neste trabalho, vamos utilizar o termo produtor do texto como equivalente ao termo “falante”, usado por Castilho e Castilho (1993). Esta opção deve-se ao gênero utilizado pela pesquisa, o qual conforme será visto, envolve a língua escrita.

Uma questão relevante com relação à falta de prática do ensino da modalização diz respeito à forma redutora como os manuais tradicionais lidam com o funcionamento da linguagem. Um fato que impede maior clarividência com relação aos encaminhamentos da maioria dos manuais tradicionais é o de não considerarem a questão da interação ao proporem o conceito de frase. Praticamente desconsideram os limites da escrita como a contraparte da



oralidade, já que na primeira não se explicitam todos os elementos que geram intencionalidade na oralidade, muito embora se refiram a explicações que poderiam ser expandidas e mesmo retextualizadas e mais amplamente exemplificadas se o professor do ensino básico tivesse mais oportunidade de aproximar-se das discussões acadêmicas, para lidar com uma metodologia de ensino mais eficaz.

Por exemplo, o gestual, a entonação, que não se resume somente à consideração das pausas, a situacionalidade, etc, não são repassados nos sinais gráficos com toda a complexidade da oralidade. Expliquemos de outra forma: Em uma dada enunciação, certo personagem de um texto escrito, está irritado, contrariado e lança uma ordem: — Fiquem quietos! O ponto de exclamação não é suficiente para expressar a situação em que se encontra o personagem. É preciso considerar os dados lexicais da narrativa, o que ainda não é suficiente. Isto porque se torna necessário pensar na forma como o personagem enunciou a ordem em questão. Talvez, elementos linguísticos possam diminuir tais lacunas, e poderemos ter: —Mas, puxa vida, fiquem quietos pelo amor de Deus!

Observemos o conceito de duas gramáticas disponibilizadas às escolas pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola para o Ensino Médio. Bechara (2006) explica que a frase é, às vezes, uma simples palavra e que, neste caso, difere da oração por não apresentar uma relação predicativa, ou seja, não apresentar o verbo. Para o autor, as frases, diferentemente das orações, são proferidas quase sempre em situações especiais e seus elementos constituintes são de natureza nominal.

Como exemplo, ele cita “Bom dia!”, e explica que, como se trata de um enunciado real, pode ser interpretado por uma forma próxima, equivalente a uma oração: “*Desejo bom dia*” ou “*Espero que tenha um bom dia*”. Por isso ele classifica as frases em unimembres e bimembres. Sendo as primeiras constituídas principalmente por conjunções (*Oh!, Psiu!*) e também por etiquetas e rótulos que sinalizam um verbo (*Entrada, Saída, Fila Única*). Bimembres, seriam conforme o autor, frases como: *Tal pai, tal filho; Casa de ferreiro, espeto de pau*, cuja expressividade “decorre da leveza e espontaneidade com que se caracterizam” (BECHARA, 2006, p.542).

Cunha e Cintra (2001) definem de forma mais didática, pois afirmam que a frase pode ser constituída como exemplificamos:

1º de uma só palavra: Fogo!

Atenção!



2º de várias palavras com verbo: Nasci em Cascavel.

3º de várias palavras sem verbo: Que satisfação!

Os autores consideram também que a frase “é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação” o que, nas frases organizadas com verbo, caracteriza o fim do enunciado, seguido geralmente, de uma forte pausa. (CUNHA; CINTRA, 2001, p.132).

A forma como não vinculam tais explicações ao conceito de modalização gera um lapso de compreensão que inibe o aluno de aperceber-se do valor de um modo verbal conjugado a uma exclamação, por exemplo, como o que ocorre em *Volte agora!* ou, com o uso de um modalizador, como em *Quero que você volte agora!*, ou ainda *É necessário que você volte agora!* Inclusive, inibe o aluno de aperceber-se da inconveniência de usar-se uma ou outra estrutura em situações diversas.

Considerando as lacunas observadas nos manuais tradicionais consultados, o que reflete uma regra geral dos demais manuais, o conceito e os tipos de modalização e a proposição metodológica, nesta pesquisa, seguem a perspectiva de Koch (2011), que considera modalizadores todos os elementos linguísticos que se ligam ao evento de produção do enunciado e que funcionam na verdade como “indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso” (KOCH, 2011, p.133). Esses elementos

[...] caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso. (KOCH, 2011, p.133).

Entendemos que a modalização é uma estratégia reveladora do ponto de vista do produtor do enunciado e que os alunos precisam aprender a perceber esta estratégia tanto para efetuar suas leituras quanto para se posicionar no momento de produção de seu próprio enunciado. Assim tem-se: Provavelmente estarei em casa (indica probabilidade); Você deve ficar em casa. (indica ordem). Observa-se, que no primeiro caso, pode ser uma forma de desviar-se da obrigação; no segundo, um conselho ou uma ordem e somente a enunciação poderá indicar os efeitos de sentido realmente pretendidos pelo produtor do enunciado.

De acordo com Neves (1996), ao estabelecer uma interação verbal, ao mesmo tempo em que organizam uma mensagem, os interlocutores definem seus papéis, assumindo a posição de doador ou solicitador, de asseverador, de perguntador, de respondedor, etc.; e nesse processo



escolhem marcar ou não de modo explícito o seu enunciado servindo-se de valores modais de diversas categorias.

As modalidades, como vimos, denunciam a posição do falante perante o enunciado que produz, e são, assim, classificáveis e convencionalizadas, como os demais atos de linguagem o são.

Tradicionalmente, as modalidades são classificadas em aléticas, epistêmicas e deônticas. As aléticas, conhecidas também como ontológicas ou aristotélicas³, referem-se, de acordo com Koch (2011), ao eixo da existência, ou seja, determinam o valor de verdade de proposições.

Para Neves (1996, p.171), esta modalidade reflete a escala lógica que vai do necessário (As plantas necessitam de água; A águia é uma ave de rapina) ao impossível (Câncer não é contagioso), passando pelo possível (Pode estar calor em Foz do Iguaçu) e pelo contingente (Cuiabá é uma cidade quente), sempre relacionada à verdade necessária ou contingente das proposições. A autora lembra, ainda, que a modalidade alética é dificilmente detectada nas línguas naturais, pois, possivelmente um conteúdo asseverado num ato de fala, é portador de uma verdade que já foi filtrada pelo conhecimento e julgamento do falante.

Nesta pesquisa, enfocou-se como as modalizações epistêmica e deôntica podem indicar a postura do produtor do texto. Considerou-se que elementos linguísticos, que atuam no sentido de indicar o grau de engajamento com relação ao assunto, ou então, a relação de imposição diante do produtor do texto diante do interlocutor e do assunto, podem ser ensinados aos alunos como estratégias a serem percebidas no discurso do outro e a serem utilizadas no discurso do aluno.

A modalização epistêmica é descrita por Koch (2011) como a que se refere ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado de coisas. Basicamente, indica o grau de engajamento do produtor do texto com relação ao conteúdo proposicional.

Revela o quanto o produtor se dispõe a comprometer-se com o conteúdo a ser repassado. Observemos os seguintes enunciados:

A aluna fez a tarefa.

(sem modalizador, mas com alto grau de engajamento)

Parece que a aluna fez a tarefa.

(baixo grau de engajamento)

³ Koch (2011, p.72) afirma que Aristóteles “já havia advertido que os enunciados de uma ciência nem sempre são simplesmente verdadeiros já que, muitas vezes se formulam como necessariamente verdadeiros ou possivelmente verdadeiros”.

Com certeza a aluna fez a tarefa.

(altíssimo grau de engajamento)

Castilho e Castilho (1993, p.206) afirmam que a modalização epistêmica expressa “uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição”. A partir de deduções que surgem em função do conhecimento do falante e do contexto de produção, a modalização epistêmica se situa entre o domínio do absolutamente certo e do possível.

As modalizações deônticas referem-se ao eixo da conduta, isto é, à linguagem das normas, àquilo que se deve fazer como afirma Koch (2011, p.75). Para Castilho e Castilho (1993), o uso da modalização deôntica “indica que o falante considera o conteúdo de P como um estado de coisas que deve, que precisa ocorrer obrigatoriamente”. (CASTILHO; CASTILHO, 1993, p.207)

Um enunciado como “Você deve ficar em casa.”, já citado anteriormente, contém a diretriz de ordem ou de conselho, sendo que, em ambos os casos, espera-se uma determinada reação do interlocutor. Mas nem sempre verbos ou expressões notadamente indicadores de obrigação (pode, deve, é preciso, é necessário etc.) atuam no plano do deôntico. Um enunciado como “Amanhã deve chover.” revela certa hipótese. Há uma diferença entre “Fique quieto.”, “É preciso que fique quieto.” e “Você deve ficar quieto.”. O primeiro enunciado imprime um sentido mais fortemente marcado no plano da obrigação, se comparado com os outros. Ou seja, pode ser que o modo verbal imprima de forma mais evidente a noção de obrigação com relação a uma marca específica, como o verbo “dever”, por exemplo. Por outro lado, no enunciado “Você poderia ficar quieto.”, se comparado com “Você poderia esperar um pouquinho.”, parece acarretar um teor mais marcadamente deôntico, enquanto que o segundo poderia ser realmente uma forma de negociar o atendimento, o que não sugere deonticidade.

Para a seleção do *corpus* buscamos eleger enunciados nos quais fosse possível perceber diferentes elementos modalizadores.

2. Relato de uma prática de ensino do uso da modalização

O aporte teórico discutido anteriormente propiciou a aplicação que visou ao ensino do uso consciente dos modalizadores, por parte dos alunos. Considerou-se o gênero comentário, mais afeto ao cotidiano dos alunos, o que propiciava, de fato, a apreensão do que significa utilizar



palavras que indicam engajamento, e quais as consequências de usá-las ou não usá-las.

Para instigação e motivação dos alunos, foram discutidos artigos de opinião extraídos do site *Observatório da Imprensa*, justamente por ser espaço de compartilhamento de posicionamentos. O texto que mais recebeu atenção dos alunos foi *É preciso aprender a ler* (Anexo 1). Primeiramente, foi entregue a versão original e, em seguida, uma versão adaptada por nós (Anexo 2), com inserção de modalizadores epistêmicos e deônticos, o que visou à verificação de mudança de sentido do texto.

Mostramos que as expressões modalizadoras podem ser constituídas por verbos, advérbios, e adjetivos, ou seja, por diferentes classes gramaticais, as quais acarretam a forma como o produtor do texto se pronuncia diante do que está dizendo. Boa parte dos alunos, percebeu os efeitos de sentido provocados pelos elementos modalizadores inseridos e alguns relataram: “parece que a autora do texto está brava”, “eu acho que ela não gostou nenhum um pouco da manchete do jornal”, “parece que ela tem raiva de quem não lê direito, de quem não percebe o que o jornal está querendo”.

Explicamos que a modalização ocorre em diferentes tipos de textos e não apenas em artigos de opinião. Para demonstrarmos isso, comentamos com os alunos o gênero da esfera jornalística, previsão do tempo, e observamos, nos exemplos levados à sala de aula, que, geralmente, este gênero acomoda vocábulos ou expressões de teor de baixo índice de certeza, como em “*Pode* chover na tarde de hoje” ou “*Poderá* chover nas próximas horas”.

Ficou claro para os alunos que o indicativo de baixo engajamento decorre da fonte de informação que são os institutos de meteorologia, os quais, embora lidem com alta tecnologia para previsão das condições atmosféricas, deparam-se, segundo o meteorologista e pesquisador do Simepar (Sistema Meteorológico do Paraná), Leonardo Calvetti, com a Teoria do Caos, a qual explica que “em certos momentos a atmosfera apresenta comportamento caótico, ou seja, não previsível pelos sistemas conhecidos pelo estado da arte da ciência atual.”⁴ É um desafio para a meteorologia compreender e computar as incertezas da atmosfera de modo a produzir previsões do comportamento futuro do clima sobre determinada região.

Depois dessas explicações, solicitamos aos alunos que inserissem elementos modalizadores nos exemplos de previsão do tempo que tinham em mãos, como forma de

⁴ Disponível em www.simepar.br/simeparemtempo. Acesso em 09 mar 2015



modificá-la, garantindo-lhe um maior grau de engajamento com a informação. Para este artigo, selecionaram-se os seguintes enunciados então produzidos: “certamente choverá na tarde de hoje”, “haverá chuva nas próximas horas”, “não chove na tarde de hoje”, “as próximas horas são de tempo seco”. Esses enunciados revelam que os alunos compreenderam a contribuição dos recursos modalizadores na construção do processo de escrita e se reconhecem como autores de seus textos.

Posteriormente, apresentamos à turma trechos retirados de dois textos produzidos por Luciano Martins Costa, e publicados no Observatório da Imprensa (abaixo transcritos). Solicitamos a leitura silenciosa e, na sequência, procedeu-se à leitura e, a cada parágrafo, foi proposta uma pausa para questionamentos que se limitaram ao léxico.

Recorte 1

A bola e as urnas, tudo a ver

Por **Luciano Martins Costa** em 03/07/2014 na edição nº 805

O Instituto Datafolha conclui que o ambiente festivo da Copa do Mundo melhora as chances de reeleição da presidente Dilma Rousseff. Os dados coletados na última pesquisa de intenção de voto, publicados na quinta-feira (3/7), mostram basicamente uma interessante oscilação no humor do eleitorado, mas demonstram principalmente que essa volatilidade do espírito afeta escolhas importantes. Eis aí uma oportunidade de ouro para a imprensa.

Na primeira página da *Folha de S.Paulo* é apresentado em destaque o gráfico que mostra a intenção de voto para presidente da República, onde Dilma Rousseff (PT) aparece com 38%, Aécio Neves (PSDB) tem 20% e Eduardo Campos (PSB) conta com 9%. Ao lado, três textos curtos acrescentam que 76% das pessoas consultadas desaprovaram os xingamentos à presidente na abertura da Copa do Mundo, 60% afirmaram que a organização do Mundial no Brasil provoca orgulho e 65% disseram que os protestos durante a Copa causaram vergonha.

Num resumo superficial, pode-se dizer que o futebol afeta diretamente a política, e que o brasileiro tende a mostrar mais satisfação com o contexto geral do País quando uma paixão nacional como o jogo da bola oferece motivo para contentamento. As multidões de turistas que se movimentam atrás de suas equipes têm produzido nos brasileiros uma sensação esfuziante de pertencimento, de integração com o resto do mundo, a que a maioria dos cidadãos não tem acesso em suas duras rotinas.[...]

Disponível em: observatoriodaimprensa.com.br/news/view Acesso em 10 jul. 2014

Recorte 2

Imprensa transfere o peso da derrota para Brasília

Por Luciano Martins Costa em 10/07/2014 na edição 806

[...] Essa é uma das lições que se pode extrair da cobertura que se segue ao desastre futebolístico do Mineirão. O noticiário e o opiniário agasalhados pelos jornais desta quinta-feira (10/7) nos apresentam o padrão que deverá balizar o jornalismo brasileiro após a vexaminosa derrota da seleção nacional para a equipe da Alemanha.



Baixada a poeira da decepção, quando as redes sociais extravasam em ironias e anedotas a capacidade dos brasileiros de superar a tristeza com bom humor, eis que a imprensa resolve abrir sua caixa de maldades. Não, os textos não condenam liminarmente os principais responsáveis pelo fiasco dentro de campo: os jornais tratam de transferir o peso da derrota para Brasília.

Editoriais e artigos, diretamente, tentam fazer a conexão entre o fracasso da equipe de Luiz Felipe Scolari e a disputa eleitoral, buscando uma relação entre política e futebol que de alguma maneira vincule o governo federal ao frustrado projeto do hexacampeonato. A referência mais explícita está na manchete do *Estado de S. Paulo*: “Dilma tenta se descolar do fracasso da seleção”, diz o título no alto da primeira página. A frase afirma que há um vínculo a priori entre o futebol e o campo da política.

Ora, se existe esse vínculo, convém que a imprensa esclareça ao público em que grupo político se alinham o presidente da CBF, José Maria Marin, seu sucessor, Marco Polo Del Nero, o coordenador técnico da seleção, Carlos Alberto Parreira, e o técnico Scolari.

Discursos de campanha, frases de efeito e oportunismo caracterizam todas as disputas eleitorais. O problema é o que a imprensa faz com tais manifestações. No caso, claramente, os jornais resguardam os outros candidatos e expõem junto à foto da vergonhosa derrota no futebol a imagem da presidente da República. [...]

Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view Acesso em 10 jul. 2014.

Solicitamos que escrevessem um parágrafo em que expressassem opiniões sobre o tema, conforme o seguinte comando: *Em sua opinião, os resultados do futebol podem interferir nos resultados das urnas? Procure usar elementos modalizadores para marcar seu posicionamento.*

Dentre as trinta produções entregues, elegemos seis, julgadas, representativas do uso de modalizadores pelos alunos:

- (1) (1.1)**Eu acredito** que sim, porque a presidenta gastou milhões construindo o estádio e falou que tudo iria melhorar se o Brasil ganhasse. E como o Brasil não ganhou nada vai mudar, (1.2)**pode ser** que algumas pessoas pensem que ela fez uma ótima coisa, (1.3)**mas eu acho** que não.

Em (1.1) o posicionamento é marcado por meio de um verbo de atitude proposicional, “acredito”, somado a uma explicação, “porque a presidenta gastou milhões”, que está vinculada à causa “como o Brasil não ganhou”. O uso da modalização epistêmica “pode ser” (1.2) permite o encaixe da proposição “que algumas pessoas pensem que ela fez uma ótima coisa” e posteriormente a contraposição (1.3) “mas eu acho que não”.

No enunciado (2), temos:

- (2) Bom eu (2.1)**não sei se** haverá uma grande interferência mas (2.2)**com certeza** muitos brasileiros vão mudar sua ideia de voto por causa do resultado da copa e os acontecimentos que ocorreram durante os jogos.

O uso da expressão (2.1) na forma negativa, em primeira pessoa, indica opinião pessoal do produtor do texto no que diz respeito ao fato enunciado, o que, para Neves (2010), constitui

modalização epistêmica subjetiva, na qual o enunciador marca seu comprometimento ou não com a verdade do que é dito. Ele não sabe mensurar o tamanho da interferência que ocorrerá, mas, ao escolher a expressão (2.2), não atenua seu posicionamento ao afirmar que haverá, sim, interferência nas intenções de voto devido os acontecimentos.

O exemplo a seguir (3), apresenta asseverações que justificam seu posicionamento marcado por um verbo de significação plena, indicador de opinião (3.1):

- (3) Com base nas manchetes publicadas e no efeito que elas causam, (3.1) **acredito** que algumas pessoas serão influenciadas, alterando o resultado das urnas.

Da mesma forma, o enunciado (4)

- (4) (4.1) **Eu acredito** que os resultados dos jogos da copa do mundo (4.2) **podem** interferir os resultados das eleições mas não é só o resultado isso é só uma desculpa pelas coisas que os presidentes fazem ou deixam de fazer.”

Nesse enunciado, tem-se o comprometimento pessoal do produtor do texto por meio do verbo “acreditar” na primeira pessoa do singular. Neves (2010) considera que este verbo, ao lado de penso e creio, são modalizadores potenciais quando enunciados em primeira pessoa. O uso do verbo auxiliar modal *poder* (4.2) indica possibilidade e atenua o comprometimento total do enunciador diante do que é dito. Isso não torna o enunciador desacreditado, ao contrário,

[...] confessando suas dúvidas e incertezas, o sujeito enunciador, ao invés de perder, ganha credibilidade; desse modo, essa confissão constitui uma “astúcia discursiva”, já que, graças a ela o enunciador se beneficia de um crédito de honestidade. (NEVES, 1996, p.183)

No recorte (5), ao asseverar que sabe a falta de hospitais, o produtor do texto nos dá uma assertiva no máximo grau de certeza e se compromete totalmente com o dito; porém, não há marca modal explícita em “não terão nada a ver”.

- (5) Não porque os votos de política não interferem no futebol, **sei** que falta hospitais, educação e etc. Mas **não terão** nada a ver com o resultado do futebol.

Ele poderia ter marcado seu posicionamento se optasse por: *Certamente não terão nada a ver com o resultado, Acho que não terão nada a ver com o resultado*, afinal, existem diferentes possibilidades de se enunciar um mesmo fato, o usuário da língua é quem decide que elementos linguísticos atendem às suas necessidades.



O enunciado (6) é marcado pela relativização que reforça o posicionamento do enunciador ao escolher uma expressão que revela grau máximo de certeza (6.1) mesmo que o auxiliar modal poder (6.2) imprima possibilidade:

- (6) Pode, pois o Brasil não ganhou, então a Dilma não tem muitas chances de se reeleger, pois os brasileiros também reclamam muito dela, sobre seu trabalho mal feito, e se fosse eu nem votaria de volta pra ela, (6.1) **com certeza** (6.2) **pode** interferir sim.

A análise das ocorrências revela que o modo de interação provocado pela situação de produção, em que o professor apresenta e discute uma situação e posteriormente solicita posicionamento por meio de um comentário, motiva o aluno a expor opinião que passa pelo eixo epistemológico marcado por um engajamento que varia entre total, parcial ou nulo.

O aluno consegue perceber os sentidos provocados por um dado modalizador ou mesmo pela ausência de marcas linguísticas que indicam engajamento e ordem.

O acesso à teoria adequada permite ao professor aperceber-se dos limites da gramática e, no caso desta pesquisa, perceber-se de que a noção de classes de palavras deve estar vinculada ao devido funcionamento da linguagem.

Considerações finais

Buscou-se verificar neste trabalho a efetiva contribuição do ensino da modalização para alunos do nono ano do ensino fundamental. Tal fenômeno é uma estratégia argumentativa, que marca no enunciado uma avaliação, um ponto de vista do locutor sobre o que é dito. Essa avaliação ocorre em função da interlocução ou do interlocutor, ou seja, ao marcar seu enunciado, o locutor o faz em função de outro, e fornece pistas de como deseja que seu discurso seja lido.

Os modalizadores geram no texto, diferentes efeitos de sentido que podem ser epistêmicos, ligados ao conhecimento, e deônticos, referentes à obrigatoriedade, (proibição, permissão ou volição). O sentido impresso por meio do elemento modalizador dependerá da enunciação ocorrida já que este pode assumir diferentes funções.

A pesquisa revela que, ao perceberem quais elementos linguísticos contribuem para a modalização de seus enunciados, os educandos tiveram mais cuidado ao elaborar suas produções



orais ou escritas. Compreenderam que podem recorrer a diferentes expressões quando pretendem se engajar mais ou menos em suas afirmações.

A modalização está presente nos diferentes gêneros do discurso e pode ser ensinada desde as primeiras séries do ensino fundamental II. Conhecer sua contribuição na construção de sentidos permite ao aluno ler e produzir textos de modo mais eficaz.

Referências

BARBISAN, Leci Borges. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Letras**, Santa Maria, n. 33, p.23-35, Dez 2006. Disponível em <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/issue/view/653/showToc>

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 406-407.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C.M.M. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, R.: **Gramática do português falado**. Vol. 2. São Paulo, Unicamp, 1993, p. 213-260.

COSTA, Luciano Martins. A bola e as urnas, tudo a ver. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 03 julho 2014. Disponível em: observatoriodaimprensa.com.br/news/view Acesso em 10 jul. 2014

_____. Imprensa transfere o peso da derrota para Brasília. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 10 julho 2014. Disponível em: observatoriodaimprensa.com.br/news/view Acesso em 10 jul. 2014

CUNHA, Celso; CINTRA Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. .Rio de Janeiro: Lexicon, 2007, 133-134.

KOCH, I. G. V.. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, Maria H.M. A modalidade. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. : **Gramática do português falado**. Vol. 6. São Paulo, Unicamp, 1996, p. 163-199.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: contexto, 2010.